

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

DENISE MADEIRA RODRIGUES

**Vídeo: Tecnologia Motivadora na
Aprendizagem**

Porto Alegre

2012

DENISE MADEIRA RODRIGUES

**Vídeo: Tecnologia Motivadora na
Aprendizagem**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora: Profa.Dra. Ana Vilma Tijiboy

Porto Alegre

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa:Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:

Profa:Liane Margarida Rockenbach Tarouco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às minhas filhas Kely e Kamyla e à minha neta Manuela, razões da minha existência, da minha busca em ser sempre melhor como pessoa e como mãe/avó.
Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me permitir concluir mais esta etapa de minha vida e por sempre iluminar meus caminhos.

De forma grata e amorosa, aos meus pais, Gilberto e Maria, meus incansáveis incentivadores e apoiadores na minha busca por realização profissional e pessoal.

Ao meu esposo Odilon que, de forma especial, com paciência e companheirismo, me apoiou nos momentos difíceis, não me deixando fraquejar. Esta conquista é nossa, meu amor.

Às minhas filhas Kely e Kamyla, razão do meu existir e que, mesmo sem perceberem, foram sempre minha fonte de inspiração, e que, mesmo quando ausentes, iluminaram de maneira especial meus pensamentos, me levando a buscar sempre mais conhecimentos, para diminuir cada vez mais a distância existente entre nós, diante das diferenças de nossas gerações.

Às minhas irmãs, Deise e Débora, pelo incentivo, pelo carinho e por terem me dado o melhor presente que poderia receber: minhas amadas sobrinhas, Jade e Eduarda, para ser madrinha, mãe dos bons momentos.

Em especial a minha neta Manuela que veio renovar as alegrias e esperanças da família.

Agradeço de coração e com muito carinho, à colega de escola e de curso, Estela Pizarro, que me fez o convite a participar do curso, me auxiliou por diversas vezes, pois era principiante em cursos EAD. Tua ajuda, parceria e constante incentivo foram primordiais para que eu chegasse até aqui. Valeu, amiga.

Obrigado também as colegas Marlei de Oliveira, Débora Cortes e Laura Vey que foram incansáveis nos incentivos. Obrigada, amigas.

Agradeço carinhosamente aos tutores: Michelle Leonard, Barbara Ávila e Edson Félix pelo incentivo, pelo carinho, pela paciência e sobretudo por acreditarem no meu potencial e não me deixarem desistir quando eu mesma desanimava. Obrigada de coração, sem vocês não teria chegado até aqui.

Agradeço também, carinhosamente e grandiosamente, à professora Dr^a Ana Vilma Tijiboy, por ter sido minha orientadora de monografia e que incansavelmente, apoiou, incentivou, desafiou, mostrando-me que seria capaz. Tuas palavras, incentivos e provocações, me levaram a superação de meus medos e aqui estou. Obrigada de coração. Sem tua orientação isso não seria possível.

Meus agradecimentos são extensivos a ti Lediane, que com tua paciência e experiência me auxiliaram nas horas de ansiedade. Tuas palavras do conforto e carinho me deixaram tranquila para seguir em frente. Obrigada.

RESUMO

Esta monografia, de cunho teórico, trata do uso do vídeo como instrumento motivador da aprendizagem, meio de comunicação formador de opinião e/ou influenciador dos comportamentos dos alunos, no ambiente escolar. Ressalta a importância do uso das TIC's nas práticas docentes, tendo em vista sua abrangência, riqueza de possibilidades educativas que oferecem e o fascínio que exercem sobre crianças e jovens. Discute o conceito de sociedade tecnológica ou sociedade da informação/digital e os novos paradigmas que apresenta frente ao avanço das tecnologias. Trata do uso do vídeo na educação escolar e as mudanças que este novo aluno, nativo digital/homo zappiens, requer do professor e da escola. Trata do uso do vídeo em sala de aula como uma ferramenta auxiliar, motivadora à aprendizagem dos alunos. Além disso, apresenta diversas possibilidades de utilização do vídeo em sala de aula, reflexões quanto ao seu uso, suas categorias, usos adequados e inadequados. Finaliza apresentando o vídeo digital, que acrescenta novas possibilidades antes impensadas, transformando o vídeo mais interativo, característica inexistente em outras gerações de vídeo e limitadoras para propostas educacionais mais alinhadas com perspectivas de construção cooperativa e de autoria envolvendo os alunos.

Palavras-chave: Vídeo Educativo; Era digital; Tecnologias de informação e Comunicação; Vídeo Digital.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ERA DIGITAL: NOVOS PARADIGMAS E NOVOS CIDADÃOS	12
3	A INCLUSÃO DAS TIC'S NA EDUCAÇÃO	15
3.1	O Nativo Digital: seus anseios e potencialidades	18
3.2	A Escola que somos e a Escola que necessitamos.....	20
3.3	O novo docente: sua redefinição frente às mudanças	22
4	O USO DO VIDEO EM SALA DE AULA.....	26
4.1	Vídeo Digital.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Estamos vivendo momentos únicos de relevantes mudanças sociais decorrentes do acelerado avanço tecnológicos. A tecnologia tem mudado a vida e a estrutura do homem desde o início dos tempos. Essa mesma tecnologia que tanto nos desperta interesse e encantamento, que nos apaixona, também nos deixa receosos e surpresos diante de tamanhas e constantes mudanças. Reconhecemos o fato de que as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC'S) ajudam a promover drásticas mudanças na sociedade, mas em algumas áreas, como a Educação, muitos de nós professores não nos sentimos aptos a utilizar esses recursos e nem conhecemos as possibilidades que apresentam para melhoria da qualidade do ensino. Relutamos em admitir repensar nossa prática enquanto educadores e vivemos a ilusão de que as novas tecnologias possam resolver por si sós os problemas que não conseguimos superar até então.

O interesse pelo vídeo como aliado ao processo de aprendizagem e como ferramenta auxiliar na construção do pensamento, tema desta monografia, surgiu da inquietação que senti após iniciar o curso Mídias na Educação e na continuidade com o módulo avançado. A cada tema abordado, leituras e debates com os colegas e professores do curso e observando com um novo olhar a realidade que vivencio na escola onde atuo, fui ficando cada vez mais perplexa, pois até então nunca havia refletido profundamente sobre o quanto “pecamos”, enquanto escola, no que diz respeito ao uso das tecnologias. Com o início do curso passei a analisar criticamente o funcionamento da escola e percebi que continuamos a reproduzir o modelo tradicional de educação. Isto é, continuamos focando o professor como transmissor de conteúdos, detentor dos saberes, e o aluno como mero receptor, incapaz de construir sua aprendizagem e de auxiliar na aprendizagem de outros colegas. Continuamos a valorizar a memorização de conteúdos, o individualismo, a competição, as provas, as notas e deixamos em segundo plano a construção, a autoria, o trabalho cooperativo. Tampouco valorizamos o processo de construção, a caminhada, levando em consideração apenas o produto final.

A escola em que trabalho possui três salas de vídeo, TV escola, projetor e um laboratório de informática muito bem equipado, com um computador por aluno. No entanto, na maioria das vezes, permanecem fechados tanto o laboratório de

informática quanto as salas com os outros recursos midiáticos. Nas poucas vezes que são abertos, são utilizados para entretenimento, como ilustração de algum assunto ou ainda com tapa-buraco, sendo uma alternativa para a falta de professores.

Diante dessa realidade, de subutilização das mídias e vivenciando diariamente os crescentes problemas de desinteresse, desmotivação, indisciplina e descomprometimento de alunos, famílias, colegas professores e até mesmo da equipe gestora, optei por abordar como tema de monografia o uso do vídeo como tecnologia motivadora. Essa mídia está entre as que foram esquecidas numa sala frente ao deslumbramento do computador, sem ter sido explorado o potencial que apresenta como possível aliada ao professor e como ferramenta auxiliar aos alunos em suas construções de aprendizagem. Arrisco a opinar que esta visão errônea que se instalou na escola de que o computador veio substituir as outras mídias fez com que todas as outras fossem abandonadas.

Frente a esta realidade, meu objetivo com esta monografia é aprofundar meus estudos teóricos e realizar, futuramente, uma proposta pedagógica de uso do vídeo em sala de aula. Estudos relacionados ao uso das mídias na educação existem muitos. O vídeo é mencionado em alguns desses trabalhos, mas na realidade das escolas, na minha em especial, é pouco utilizado e pouco explorado. O uso de vídeos na escola, quando acontece, na maioria das vezes ocorre envolvendo a utilização de produtos prontos, desenvolvidos por outros, por especialistas, sem a participação dos alunos e sem levar em conta suas experiências, interesses e o que podem aprender. Considerando que nossos alunos estão inseridos numa sociedade que faz uso destes recursos tecnológicos, porque não incluí-los no processo de ensino-aprendizagem? Assim, estar-se-ia mudando a forma que os recursos audiovisuais são apresentados atualmente aos alunos, sem nenhuma preocupação com sua formação de consciência crítica. Meu desejo é estudar as vantagens e possibilidades que a prática de produção de vídeo pode oferecer aos alunos.

Temos a nosso favor o fato de que o novo aluno, nativo digital, — também chamado *homo zappiens* por Veen e Vrakking (2009) — anseia por conhecer mais em menos tempo e de maneira diferente. Ele tem fora da escola acesso a muitas

informações e cabe à escola ajudá-lo a descobrir o que fazer com estas informações.

Para abordar o tema vídeo como tecnologia motivadora da aprendizagem, o primeiro capítulo desta monografia busca entender o conceito de sociedade tecnológica ou sociedade da informação/digital e os novos paradigmas que são apresentados frente ao avanço das tecnologias.

O segundo capítulo trata do uso do vídeo na educação escolar e as mudanças que este novo aluno, nativo digital/homo zappiens requer do professor e da escola.

O terceiro capítulo trata do uso do vídeo em sala de aula como uma ferramenta auxiliar, motivadora à aprendizagem dos alunos, apresentando as possibilidades de uso do vídeo digital. Sabendo que as atividades de ensino necessitam de apropriação teórico-metodológica, esse capítulo busca aprofundar conhecimentos sobre as diversas possibilidades de utilização do vídeo em sala de aula, para que realmente se possa construir uma proposta pedagógica de uso do vídeo com qualidade e propriedade, e assim conseguir desenvolver metodologias que levem os alunos a aprendizagens realmente significativas. O capítulo aborda ainda reflexões quanto ao uso do vídeo em sala de aula, suas categorias, usos adequados e inadequados.

As considerações finais vêm salientar e reforçar a importância da apropriação crítica do vídeo como motivador do trabalho de sala de aula.

2 ERA DIGITAL: NOVOS PARADIGMAS E NOVOS CIDADÃOS

O primeiro capítulo desta monografia caracteriza a nova era em que estamos vivendo, a era digital, também denominada era do conhecimento. Busca compreender as mudanças de paradigmas sociais e educacionais e como estão afetando o processo de ensino-aprendizagem; remete-nos a uma reflexão sobre os desafios desta nova sociedade frente à globalização; desperta nossa especial atenção à importância do sistema educacional adequar-se ou entrar em sintonia com os novos anseios e requisitos desta sociedade.

Faz-nos refletir criticamente quanto à inclusão das tecnologias na educação, pois o uso destas passou a ser tão comum nos dias atuais que se tornou imprescindível a reestruturação do sistema escolar. Este é pressionado a acompanhar tais mudanças, a aprender, para assim conseguir atender aos desafios de um mundo em constantes mudanças. Leva-nos a analisar o conflito de ideias, pensamentos e atitudes que envolvem os nativos e imigrantes digitais, cada um deles com suas verdades. Da mesma forma, analisar a reestruturação tanto do papel do professor como do aluno frente às novas tecnologias. Faz-nos refletir também sobre a escola que somos e a escola que necessitamos diante de tais mudanças. Finalmente, nos leva à análise do papel do novo docente, à redefinição de seu papel frente a estas mudanças.

Não há como iniciarmos um estudo sobre a incorporação do vídeo na educação sem primeiramente refletirmos sobre esta nova sociedade que vivemos em função dos grandes avanços tecnológicos. É impossível negar que estamos vivendo uma nova era: a era digital, era da informação. Vivemos um tempo de “grandes mudanças”, que claramente expõe um novo paradigma social.

Segundo Drucker (1993), esta nova era da informação teve seu início já em 1946, quando, após voltarem da segunda II Guerra Mundial, os soldados americanos tinham como principal exigência suas colocações imediatas em alguma universidade. Neste momento, o conhecimento já iniciava a ser mais valorizado do que simplesmente o trabalho operacional.

As TIC'S (Tecnologias da Informação e do Conhecimento) vêm produzindo mudanças na forma de pensar e tais mudanças paradigmáticas do pensamento atingiram o processo de aprendizagem. Por isso Silva Prado (2008) afirma que a

maior das contribuições que a Internet proporciona à educação diz respeito à mudança de paradigma impulsionada pelo grande poder de interação que ela propicia. Frente a essa nova possibilidade de maior interação entre as pessoas e ao fácil acesso a informações que a Internet permite, cabe perguntar se estamos modificando nossas metodologias de ensino incorporando essas novas possibilidades.

Na nova era valoriza-se, cada vez mais, o conhecimento, o saber encontrar as informações que precisamos e quando precisamos. O aprendizado ao longo da vida, educação continuada, e o aprender a aprender tornaram-se primordiais e passou-se a valorizar o homem sob um enfoque holístico e não compartilhado ou segmentado como na era industrial.

A era da informação ou era digital representa mais do que uma mudança social, vem apresentando mudanças na condição humana. O poder está na mão das pessoas que detém o conhecimento ou que sabem acessá-lo. Não é mais restrito ao clero ou aos mais abastados; hoje vivemos uma relação mais democrática com o saber, apesar de ainda existir segregação ou exclusão dos que não tem acesso ou não se apropriaram das TIC's.

Atualmente a capacidade de criar e pensar é que determinará o sucesso das pessoas na economia mundial. Como cita Silva:

É importante destacar que na era da globalização um dos grandes desafios da sociedade atual é ter um sistema educacional que promova e viabilize a formação de indivíduos preparados para a realidade onde a educação deixa de ser um direito e transforma-se em serviço, em mercadoria, ao mesmo tempo em que se acentuam diferentes qualidades de educação para ricos e pobres. (SILVA, Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_18782/artigo_sobre_novas_tecnologias_na_educacao:_um_desafio_a_sociedade_globalizada>. Acesso em: 10 out. 2012)

Um dos grandes desafios da sociedade atual é ter um sistema educacional que promova e possibilite a formação de indivíduos preparados para essa realidade, com um aprendizado que seja compatível com a necessidade social existente. Assim sendo, a educação passa a ser encarada como o maior recurso que dispomos para enfrentar a nova realidade social.

O desenvolvimento dessa nova sociedade se sustenta no espetacular avanço das TIC'S e como consequência desse desenvolvimento. Concordamos com

Castells (2000) quando afirma que estamos diante de um novo paradigma tecnológico, organizado em torno das TIC'S e associado a profundas transformações sociais, econômicas e culturais.

Os paradigmas representam papel importante em nossas vidas. Vasconcellos (2003, p.5) nos trás uma ideia relacionada a essa questão:

O aspecto mais interessante da visão de mundo de uma sociedade é que os indivíduos que aderem a ela, na maior parte, são inconscientes de como afeta o seu modo de fazerem as coisas, de perceberem a realidade em torno deles. Uma visão de mundo só funciona, na medida em que é tão internalizada, desde a infância, que permanece não questionada. (...) somos tão presos no nosso paradigma que todos os outros modelos de organizar nossos pensamentos parecem totalmente inaceitáveis.

Percebe-se na afirmação acima o grande conflito que vivenciamos nas escolas nos dias atuais. De um lado professores enraizados em seus paradigmas, agarrados a suas verdades, a suas certezas, em que se privilegiava a individualidade, a competição, a homogeneidade, a autoridade tendo em vista ser ele o detentor do saber. Um paradigma que valoriza mais o resultado final do que o processo da aprendizagem, professores atrelados a listas de conteúdo programático pré-determinados, que na maioria das vezes não vão de encontro aos interesses dos educandos. De outro, educandos da era digital (nossos nativos digitais ou *homo zappiens*), que estão acostumados e sentem-se à vontade com a ideia de construção coletiva, de cooperação, de heterogeneidade, de liberdade de expressão, de redes. Para eles o professor deveria ser um mediador de situações que o orienta, que o ensina a aprender a aprender, que valoriza a sua caminhada, seus avanços, a autonomia acima do resultado final, levando em conta os interesses dos educandos e o significado desta aprendizagem para a vida, para a construção da cidadania.

3 A INCLUSÃO DAS TIC'S NA EDUCAÇÃO

A introdução das tecnologias no processo educacional não é uma discussão recente e nem passageira, ao contrário, há várias décadas trata-se do tema, levando em conta que o ser humano sempre procurou criar e utilizar novas ferramentas para melhor transmitir e apresentar ideias que transformem significativamente a sociedade.

Cabe lembrar que a educação tem um papel fundamental, que é de produzir e socializar o saber, fazendo do educando o eixo central deste processo. Morin (2000) coloca que ensinar através das tecnologias requer uma profunda reflexão sobre a visão de conhecimento, fragmentada e obsoleta, exigindo assim uma atualização do papel do professor, visando tornar-se um promotor de aprendizagem. Esta aprendizagem deve ser o resultado da interação do aluno com o conhecimento em questão.

Como bem salienta Moran (2000), a tecnologia nos atingiu como uma avalanche e envolve a todos. Frente a esse cenário, admite-se que a educação necessita ser repensada e que precisamos de alternativas para aumentar o entusiasmo tanto de nossos alunos quanto de nossos professores. Certamente este entusiasmo não virá somente com o uso das tecnologias. Se não refletirmos e mudarmos nossa visão de educação, tecnologia alguma poderá realizar mudanças.

Se os avanços tecnológicos mudaram intensamente a forma de ser e agir das pessoas, ou a escola está inserida neste novo modelo de sociedade ou arrisca-se a ser tachada de ultrapassada. Portanto, é importante que saibamos o quanto a escola, enquanto parte desta sociedade, está acompanhando tais mudanças.

Como em outras épocas, há uma expectativa grande de que as tecnologias nos tragam soluções rápidas para a melhoria da qualidade na educação. Porém, se esta qualidade dependesse somente de tecnologias já a teríamos alcançado há muito tempo. Acreditamos que a escola, em relação às tecnologias precisa estar num contínuo processo de reflexão e ação, utilizando-as de forma significativa, obtendo assim uma visão aberta do mundo atual, incentivando as mais diversas experiências, pois assim, com a diversidade de situações pedagógicas, permitiremos a reelaboração e a reconstrução do processo de ensino-aprendizagem.

Apesar de estarmos na era da tecnologia informacional, vemos o quanto a utilização destas tecnologias gera conflitos para a escola, talvez porque muitos educadores não saibam quando ou como utilizar estes novos recursos em sala de aula. Assim, é necessária a compreensão de que a união da tecnologia com os conteúdos curriculares gera inúmeras oportunidades de ensino. No entanto, é igualmente necessário avaliar se as experiências são ou não significativas para o aluno, se estão auxiliando no seu aprendizado.

Parece já ser de consenso que a tecnologia hoje tem um papel importante no desenvolvimento das habilidades necessárias para atuarmos na sociedade atual. É preciso, no entanto, também buscar o verdadeiro sentido da educação, verificar que falhas há entre a formação e a atuação profissional. O mais importante não é manter-se atualizado em relação aos recursos tecnológicos, mas aprender a relacionar estes recursos com a educação da sociedade atual.

As tecnologias, sozinhas, não produzem conhecimento, dependem de nós, seres humanos, para uma aplicação correta. Isto é, para que auxiliem na construção de uma aprendizagem significativa.

Em concordância com Moran (1995), acreditamos que não é a tecnologia por si mesma que vai causar uma mudança na educação. Precisam de outro elemento que as complementem e lhes dê sentido, “sozinhas não modificam a relação pedagógica”. Acreditamos que este elemento sejam as pessoas e neste contexto, os professores.

O uso das tecnologias nas escolas deve estar ligado a uma visão de ser humano consciente de seu papel e de seu compromisso para com o mundo moderno, a educação e seu papel na sociedade atual, com atitudes e pensamentos críticos, reflexivos e comprometidos com o desenvolvimento educacional, profissional e, sobretudo, social.

Vivemos num mundo tecnológico no qual as tecnologias nos ajudam, ampliando horizontes, facilitando nossas ações. Tais tecnologias não causam mudanças apenas no que fazemos e da forma como fazemos, mas muda também nosso comportamento, a forma como elaboramos conhecimentos e nosso relacionamento com o mundo.

As tecnologias de informação e de comunicação, repletas de imagens, movimentos, sons e novas linguagens de comunicação, atraem as gerações mais

jovens, portanto, nossos alunos. Estes, por sua vez, trazem para as escolas questões que dizem respeito ao seu mundo, representando desafios aos professores. É necessário criar espaços para o uso dessas novas formas de linguagem e o diálogo entre elas, além de ajudar os alunos a trazerem sua realidade para a sala de aula, a se expressarem conforme seu mundo, abrir espaço para que os alunos e professores juntos construam significativas aprendizagens.

Ensinar e aprender são os maiores desafios que enfrentamos em todas as épocas, mas arriscamos a afirmar que o peso é ainda maior neste momento de transição do modelo industrial para o de informação e conhecimento.

Ao olharmos a história humana recente, podemos perceber que passamos muito rapidamente do livro para a televisão e vídeo, para o computador e internet, sem aprendermos e explorarmos todas as possibilidades de cada um destes meios.

Não mais se admite a visão da escola, da sala de aula, do professor dos tempos da educação tradicional. Com o surgimento das tecnologias atuais, nosso aluno é diferente de outros tempos. Não podemos mais ministrar aulas prontas, preparadas sem a consulta aos interesses dos alunos, sem levarmos em conta sua realidade e seus anseios. Sem levarmos em consideração todas as aprendizagens que ele possui, antes mesmo de começar a frequentar a escola.

Segundo Moran (2000), não há dúvidas de que as TIC's provocam o debate a respeito de seu uso, assim como o papel do professor como mediador pedagógico no processo e na aprendizagem de seus educandos.

As novas tecnologias podem contribuir muito para o desenvolvimento da educação, para dinamizar nossas aulas, tornando-as mais interessantes, participativas, mais de acordo com a realidade de nossos alunos. Não fazem, porém, milagres. Se não houver uma mudança de visão pedagógica por parte da escola como um todo, ainda com todo esse aparato tecnológico, não atingiremos reais objetivos de aprendizagem e nem conseguiremos formar cidadãos preparados para a atual sociedade, como é nosso primordial objetivo enquanto educadores.

As tecnologias poderão colaborar para o desenvolvimento das pessoas quando utilizadas numa perspectiva de aprendizagem, em que o aluno é o centro do processo que ocorre numa relação de confiança e parceria entre alunos e professor no qual ambos estão comprometidos com uma mesma proposta de aprendizagem

cooperativa e vivenciam a avaliação como um elemento motivador e incentivador desse processo.

Finalizando, salienta-se a necessidade de empregarmos essas tecnologias com propriedade se quisermos realmente um processo educacional eficaz e eficiente. Utilizar tecnologias somente para modernizar as aulas, sem objetivos claros, em nada modificará o caos que vivemos na educação.

3.1 O Nativo Digital: seus anseios e potencialidades

Segundo Prensky (2001), os Nativos Digitais são aqueles que nasceram imersos na cultura digital e não conseguem imaginar o mundo sem as tecnologias. Em contrapartida, os Imigrantes Digitais são aqueles que conheceram o mundo anterior à internet, computadores pessoais e celulares, mas que se esforçam para incorporar essas tecnologias na sua rotina, embora não tenham as mesmas facilidades que os nativos para lidar e se adaptar a elas.

Pesquisas apontam o início da geração dos Nativos Digitais variando entre 1980 e 1994. Essa geração recebe outras denominações conforme o maior ou menor grau de familiaridade com os recursos da rede. Assim, os que hoje têm entre 25 a 40 anos, são chamados de Geração X; os de idade entre 14 e 25 comporiam a Geração Y, também conhecida como Geração Millennial; e a mais nova geração, a Geração Z, composta por aqueles que contam com no máximo 14 anos de idade.

Os jovens desta Geração Y são impulsivos, de pouca concentração, contrários à reflexão, mas buscam sempre, incansavelmente a inovação. Valorizam a liberdade, e, portanto, vivem desafiando os limites da família e da escola.

Também conhecidos como Geração Interativa, pelo uso que fazem das tecnologias digitais, estão intensamente envolvidos pelos recursos que estas tecnologias lhes oferecem e pelos resultados imediatos atingidos, o que os leva ao desinteresse por atividades de longo prazo.

Assim, o poder de atração que estas novas tecnologias exercem sobre eles faz com que vivam quase que em um isolamento forçado, num mundo próprio, evitando relacionarem-se presencialmente com familiares e até mesmo amigos e, evitando assim, participar de outras atividades presenciais de lazer.

Sabemos que o reconhecimento de que a tecnologia facilita a vida dos homens e de que precisa ser incluída na educação para que possamos atender os anseios desta nova era não basta. É necessário percebermos que a tecnologia faz parte da vida e faz do homem um ser detentor de mais conhecimento e atualizado. Surge então o “Homo Zappiens”, ser tecnologizado, renovável e flexível, relacionando-se com os processos e não mais com os produtos.

Estes seres multifuncionais observam e se apropriam rapidamente dos diferentes recursos tecnológicos, sendo vistos como dispersos por seus professores. São íntimos da tecnologia e não têm medo, pois aprendem pela prática e pela experimentação.

Esta geração dos Nativos Digitais, também denominados Homo Zappiens, tem um desenvolvimento tecnocognitivo, enquanto as outras gerações são baseadas na instrução para que a aprendizagem aconteça.

Segundo Veem e Vrakking (2009), estes seres da geração interativa, geração digital ou também geração Y, possuem características marcantes para as quais pais e educadores deveriam atentar. São capazes de executar múltiplas tarefas, uma das competências importantes e que deveria ser considerada no planejamento educativo; têm preferência por execução de tarefas em grupo, o que vem de encontro ao conceito de colaboração, foco desta nova sociedade; apresentam habilidades icônicas, ou seja, demonstram preferência por imagens e audiovisuais e, finalmente, a habilidade de zapear, assistir simultaneamente a vários canais sem dispersão.

O Homo Zappiens utiliza recursos diferentes das gerações anteriores. Três aparelhos merecem destaque: o controle remoto da televisão, o mouse do computador e o celular. Esta geração Y aprende a interpretar imagens mesmo antes de saber ler e desta forma é levado à interação. O computador parece ser o preferido enquanto o celular permite a comunicação com familiares e amigos mais facilmente.

Para o Homo Zappiens a maior parte das informações está a distância de um clique. Ele aprende desde muito cedo que existem muitas fontes de informação e diferentes verdades.

É também conhecido como geração instantânea, visto que querem respostas imediatas para suas perguntas. E vão à busca de quem as responda na

rede. Para estes seres, a tecnologia é como um amigo e, quando surge um novo amigo, tenta entender como este pode ajudá-lo no seu dia a dia.

Comunicar-se por meio de imagens é sua preferência. Para eles, a internet é tão real como nossa casa ou mesmo nossa sala de aula. Além disso, moldados pela tecnologia, o Homo Zappiens pensa em rede, de forma mais colaborativa do que as gerações anteriores. Para ele, a escola é mais um lugar de encontro dos amigos do que propriamente um ambiente de aprendizagem. Não vê na escola o desafio de aprender e por isso se desmotiva em relação a ela.

Como vimos, é preciso que nos conscientizemos de que existem recursos tecnológicos disponíveis na escola, que, se utilizados com responsabilidade e propriedade, são capazes de motivar e incentivar estes alunos a construir seus próprios conhecimentos. O professor deve usar as tecnologias educativas não como um fim em si ou apenas para modernizar suas aulas, mas como meio para criar novas alternativas que venham ao encontro da forma como os homo zappiens aprendem.

3.2 A Escola que somos e a Escola que necessitamos

As experiências educacionais com o uso das tecnologias nas escolas do Brasil surgiram na década de setenta, foram aprimoradas nos anos oitenta e tiveram continuidade na década de noventa com os atrativos da mídia eletrônica.

Já não há mais espaço para escolas que continuem reproduzindo maneiras convencionais de ensinar, frente aos avanços tecnológicos, aos novos alunos e seus novos anseios. Ouvimos de longa data o discurso de que a escola precisa mudar, que precisa acompanhar as mudanças desta nova era. A escola precisa repensar o espaço e o tempo necessários às transformações e com isto, o professor, refletir sobre sua prática.

Porém, a simples transmissão de conteúdo realizada através de tecnologias não possibilita espaço para que o aluno crie, aprenda, torne-se cidadão do mundo. Podemos afirmar que as mudanças tecnológicas alteraram intensamente a rotina das escolas. O aluno deste contexto exige conhecer mais, de forma atraente e imediata.

Planejar uma aula com recursos multimeios exige preparo e conhecimento dos materiais que serão utilizados. Refletindo sobre a responsabilidade da educação, citamos Oliveira (2004, p. 214) para quem “[...] a transmissão da cultura, a adaptação dos indivíduos à sociedade, o desenvolvimento de suas potencialidades e, como consequência, o desenvolvimento da personalidade e da própria sociedade”, são pontos de suma importância da educação.

Podemos perceber o amplo sentido da educação, responsabilidades e compromissos que como educadores devemos assumir, já que temos em nossas mãos o futuro de uma sociedade, que pode se tornar mais humana. Cabe aqui lembrar que, enquanto educadores, nos é dado o papel de conscientizar as famílias e buscar parceria em prol do aluno, pois bem sabemos que a escola sozinha não conseguirá cumprir esta missão.

Conforme Silva (2001), as tecnologias que favorecem o acesso à informação e aos canais de comunicação não são por si mesmas educativas, dependem de uma proposta educativa que as utilize enquanto mediação para uma determinada prática educativa.

É possível concluir então que, se os alunos que hoje se encontram nas escolas nasceram na era tecnológica, a escola por sua vez precisa aproveitar melhor esses recursos, buscando explorá-los de forma efetivamente didática, incorporando-os em suas práticas metodológicas como ferramentas importantes para auxiliar na aprendizagem, cercando-se dos cuidados necessários, utilizando-as na medida certa, pois essas ferramentas, por si só, não garantem o sucesso do ensino.

Daí por que a escola está sendo permanentemente desafiada. Ela deve ser criativa, dinâmica, participativa e democrática. Ela precisa de profissionais também dinâmicos e criativos, capazes de promover e conduzir as mudanças percebidas como necessárias. Nessa nova escola, a tecnologia pode e deve desempenhar um papel fundamental, permitindo o acesso e a circulação de informações, multiplicando as possibilidades de conhecimento.

O gestor da escola, por sua vez, deve incentivar os professores e servidores ao aprendizado de novos recursos tecnológicos e a se tornarem mediadores do conhecimento. É fundamental que as escolas se apropriem das possibilidades que as tecnologias oferecem. Na inter-relação entre pesquisa, formação de professores

e prática pedagógica com o uso da tecnologia, a área de conhecimento se transforma e avança a partir dos resultados das investigações e novos conhecimentos são produzidos. Um dos aspectos que mudou de forma substantiva nos últimos anos foi a formação de professores nesta área tendo em vista a ênfase das atividades atuais na formação contextualizada na realidade da escola e na atuação do professor.

Para inserir as tecnologias na escola é fundamental investir não só na formação de professores, mas envolver todos que atuam nela no uso de ambientes de aprendizagem interativos que favoreçam a representação de ideias, a construção do conhecimento, a troca de informações, experiências e aprendizagem significativa e prazerosa.

Para Perrenoud (2000), formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento, a observação, a pesquisa, a leitura não só de textos, mas também de imagens, estratégias de comunicação. É preciso reconhecer que os professores não possuem apenas saberes, mas também competências profissionais que não se reduzem aos conteúdos a serem ensinados.

Segundo o autor, as dez mais importantes competências profissionais necessárias aos professores para atenderem aos alunos desta nova era são: organizar e estimular situações de aprendizagem; oportunizar a progressão das aprendizagens; fazer com que os dispositivos de diferenciação evoluam; envolver os alunos em suas aprendizagens e no trabalho; trabalhar em equipe; participar da gestão da escola; informar e envolver os pais; utilizar as novas tecnologias; enfrentar os deveres e os desafios éticos da profissão; e gerar sua própria formação continuada.

Como podemos perceber na afirmação acima, preparar o aluno para o uso das novas tecnologias é prepará-lo para os desafios do mundo moderno. Vai muito além dos conteúdos fechados transmitidos pela escola tradicional, que em quase nada se aplicam na sua vida prática, informações vazias, sem sentido e sem propriedade de aprendizagem, tornando-se assim, simples acúmulo de informação.

3.3 O novo docente: sua redefinição frente às mudanças

As políticas sociais vêm transformando as relações de trabalho, através da inserção das tecnologias, de forma significativa no dia a dia dos profissionais de

todas as áreas, impulsionados pelos avanços tecnológicos. Não poderia ser diferente no caso dos profissionais de educação. Por mais que a educação se transforme com a inclusão das novas metodologias e tecnologias, é o professor, com sua postura e seu conhecimento, que efetiva ou não a utilização dessas tecnologias em prol da aprendizagem de seus alunos.

Desta forma o novo professor necessita redefinir seu papel, deixando de ser o transmissor de conhecimentos para se transformar em estimulador, mediador. Moran apud Rörig e Backes coloca que o professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante.

Cada vez mais a aquisição da informação dependerá menos do professor. As tecnologias podem nos trazer as informações de forma rápida e atraente. Assim, o principal papel do professor, passa a ser de facilitador, motivador, levando o aluno a interpretar tais informações, relacioná-las e contextualizá-las.

Na atual sociedade, dada à rapidez que necessitamos para agir e pensar, na maioria das vezes chegamos a conclusões imediatas, sem aprofundamento crítico das informações obtidas. A esse respeito salientamos a colocação de Moran (2000) para quem “a avidez por respostas rápidas, leva-nos a conclusões previsíveis, a não aprofundar a significação dos resultados obtidos, que não chega a transformar-se em conhecimento efetivo.”

Um professor “mediador” do conhecimento precisa descobrir as competências de seus alunos em sala de aula e quais as contribuições que estes podem oferecer não os obrigando de forma alguma a seguir um projeto pronto e fechado. O professor mediador que faz uso de um programa flexível, participativo, levando em consideração os anseios de seus alunos, pode construir novos meios para atingir uma aprendizagem efetiva e de qualidade.

É papel do professor, enquanto mediador de aprendizagens, desenvolver em seus alunos tanto as habilidades e conhecimento de respostas rápidas, quanto àquelas que necessitam de pesquisa, reflexão e construção.

Também faz parte deste papel motivar os alunos para a aprendizagem, discutindo com eles o que será trabalhado e convidando-o a participar, opinar, criar, enfim, contribuir para que esta aprendizagem seja realmente construída e significativa para todos os envolvidos no processo.

Para que o novo professor possa atuar com eficiência frente aos novos desafios da educação com a inclusão das tecnologias, é necessário mais do que antes que esteja sempre em constante processo de aperfeiçoamento, de estudos, de pesquisas, de reflexões e de análise da teoria e da prática.

Cabe aqui lembrar que a realidade atual dos professores nem sempre contempla isso devido ao tempo, à distância e muitas vezes ao custo, o que felizmente vem sendo solucionado aos poucos com os cursos a distância.

Segundo Demo (1998), o novo docente deve ser um pesquisador, em atualização permanente, autor de seu próprio material de trabalho, fundamentado teoricamente. Considerando essas colocações, muito bem pontuadas, vemos a grande mudança que se faz necessária ao professor para que possa atender com propriedade aos anseios desta nova sociedade.

Não há como continuarmos reproduzindo modelos tradicionais de educação em que a lista de conteúdos programados para o ano letivo vem pronta e o professor transmite para que os alunos aprendam. É necessário superar a simples socialização do conhecimento. Ao estruturar o planejamento da sua aula e ao utilizar novas técnicas estará experimentando outras propostas pedagógicas, qualificando o processo de ensino-aprendizagem. O sucesso ou fracasso desta nova tentativa dependerá da maneira como será conduzida esta proposta,. Pontua-se aqui a fundamental importância da reflexão, da mudança de olhar em relação a seus conceitos e a constante busca por aperfeiçoamento por parte do professor.

Sem esta reflexão e análise em torno de seus princípios como educadores, o uso das novas tecnologias somente estará mascarando antigas posturas e de nada servirá para a melhoria da qualidade de ensino de que tanto falamos e pela qual tanto esperamos.

Conclui-se então que é fundamental a reconstrução desse papel de professor reprodutor para professor transformador. Transformador porque media a interação entre os sujeitos, motivando a busca autônoma do aluno na construção do conhecimento.

Com o uso da tecnologia de informação e comunicação, professores e alunos descrevem e reescrevem suas ideias, comunicam-se, trocam experiências, produzem histórias e desenvolvem projetos. Buscando resolver problemas do contexto, podem representar e divulgar o próprio pensamento, ler, atribuir

significados, trocar informações e construir conhecimento, num movimento de escrever, refletir e refazer, que favorece o desenvolvimento pessoal, profissional e grupal, bem como a compreensão da realidade e a atuação na transformação da sociedade.

Nessa aventura, o professor também é desafiado a assumir uma postura de aprendiz ativo, crítico e criativo, articulador do ensino com a pesquisa, constante investigador sobre o aluno, seu nível de desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, sua forma de linguagem, expectativas e necessidades, seu estilo de escrita, seu contexto e cultura. O professor projeta as bases de um currículo motivador para o aluno tornar-se leitor e escritor. Não é o professor quem planeja para os alunos, ambos são parceiros e sujeitos do processo de conhecimento, cada um atuando segundo o seu papel e nível de desenvolvimento. Para Freire (1986), o educador faz *com* os seus alunos e não faz *para* os alunos.

Enquanto dirigente do processo, o professor libertador não está fazendo alguma coisa para seus alunos, e sim, com eles. Como enfatiza Freire (1986, p.66), “os estudantes não são uma frota de barcos tentando alcançar o professor que já terminou e os espera na praia. O professor também é um dos barcos da frota”. Nesta visão, a relação professor-aluno é de sujeitos que estão engajados no processo e desejam conhecer alguma coisa juntos.

É com base nessas ideias que o uso do vídeo em sala de aula é abordado no próximo capítulo.

4 O USO DO VIDEO EM SALA DE AULA

Este terceiro capítulo aborda o uso da tecnologia vídeo como instrumento pedagógico de grande potencial para motivar a participação dos alunos, a interação entre eles, a pesquisa, o debate, o diálogo, promovendo assim a construção do conhecimento.

Moran (1995), já citava há quase uma década, em um de seus artigos, que finalmente o vídeo estava chegando à sala de aula e que os profissionais da educação esperavam desta tecnologia uma solução imediata para os problemas de ensino-aprendizagem. Nos dias atuais, entretanto, ainda encontramos resistência quanto ao uso do vídeo. Ele pode auxiliar o professor, atrair os alunos motivando-os à aprendizagem, mas não pode modificar a relação pedagógica.

Como educadores acreditamos que as escolas, por meio de seus professores, buscam cumprir seu papel educativo, visto que se preocupam com as atividades pedagógicas, caminhando sempre em busca do sucesso do ensino. Entretanto, acreditamos que a qualidade destas atividades pode vir a melhorar muito se houver um maior e mais qualificado aproveitamento das mídias, estas que, mesmo já em sala de aula, são utilizadas com pouco conhecimento e propriedade.

É possível concluir diante das leituras realizadas que existem diversas possibilidades de utilização dos recursos tecnológicos, em especial do vídeo, assunto desta monografia. Possibilidades estas que visam um ensino e uma aprendizagem de qualidade.

O vídeo é uma alternativa com potencial para melhorar a rotina escolar. Esse recurso, ao ser inserido com competência nas atividades de sala de aula, pode favorecer descobertas e motivar a aprendizagem. Numa realidade em que a maioria dos alunos tem acesso a diversas mídias, em que a interatividade está presente em seu dia a dia, cabe fundamentalmente aos educadores saber introduzir essas ferramentas em sala de aula, propondo com isto, aulas mais interessantes, reflexivas, que atendam aos anseios deste novo aluno, desta nova era do conhecimento. Segundo Ferres (1996), existem diversas possibilidades de utilização do vídeo, devendo ser melhor utilizado e explorado pelos professores.

Reportando-nos à educação escolar, constatam-se dois pólos opostos. Um que superestima as tecnologias mais recentes e outro que as ignora. No segundo

caso, há contextos escolares que não valorizam o uso das tecnologias (incluindo aqui o uso do vídeo). Dentre elas o fato que em algumas situações, surge a convicção de que o papel da escola é o de educar, entendendo por “educação” a transmissão de conhecimentos organizados e sistematizados de áreas diversas desde a alfabetização. Exigir dos educandos a memorização e reprodução das informações recebidas nas provas e avaliações também fazem parte dessa concepção de educação. Da mesma forma, se espera que a escola possa transmitir valores e padrões comportamentais desejados pela sociedade em que se vive. Assim, os professores são formados para valorizar o conteúdo e a aula expositiva.

Acrescenta-se a este fato as experiências vividas nas décadas de 50 e 60 quando se procurou impor o uso de técnicas nas escolas que ao mesmo tempo em que defendiam a autoaprendizagem e o ritmo próprio de cada um, cobravam rigor e tecnicismo para a construção de um plano de ensino. Tais atitudes provocaram revoltas e inúmeras críticas por parte dos educadores da época, que de um modo geral demonstraram total rejeição ao uso de tecnologias na educação.

O vídeo costuma ser utilizado nas escolas. Contudo, parece subutilizado em termos pedagógicos: para enriquecer os conteúdos abordados em sala de aula, simplesmente por associá-los ao que foi trabalhado em outras atividades. Tal forma de utilização não está errada, mas que outras formas existem em termos de utilização e exploração pedagógica, objetivando fins educativos, associando de modo efetivo os conteúdos de sala de aula aos conteúdos focalizados pelo filme/vídeo?

Para Leite (2003), o vídeo é um importante recurso a ser explorado no ensino porque possui características especiais, tornando possível:

a) Fornecer informações de especialistas das mais diversas áreas do conhecimento (num programa de entrevistas, por exemplo, podemos entrar em contato com muitos pontos de vista, até conflitantes);

b) Possibilitar a repetição de um acontecimento, permitindo que se possa analisá-lo em diferentes momentos e mais profundamente (neste caso, voltar e explicar mais de uma vez, conforme a necessidade dos alunos);

c) Referir acontecimentos, manifestações distantes no tempo e no espaço, apresentando fatos que estão acontecendo, que já aconteceram e que ainda podem vir a acontecer;

d) Complementar as informações relativas a qualquer assunto, podendo integrá-las aos conteúdos curriculares, e buscar, nos materiais televisivos, novas informações que complementem e expliquem de diversas formas os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Segundo o autor, ao utilizar vídeos o professor deve atentar-se para alguns cuidados:

- a) selecioná-los criteriosamente, baseado nos objetivos do ensino;
- b) planejar atividades relacionadas ao assunto, desenvolver metodologias que sejam significativas para os estudantes;
- c) assistir e analisar o vídeo com a turma, demonstrando ao aluno que o filme é importante para o conteúdo em estudo e que as atividades podem desencadear importantes reflexões e debates sobre os assuntos abordados em sala de aula;
- d) orientar previamente os alunos, no caso do vídeo ser assistido em casa para ser trabalhado em sala de aula; não basta solicitar que assistam ao vídeo, é necessário organizar roteiros para facilitar as atividades;
- e) realizar atividades destinadas a ampliar e aprofundar o conhecimento dos alunos em relação ao assunto, propondo diversas possibilidades de aprendizagem para atender aos diferentes estilos dos alunos;
- f) analisar a linguagem utilizada no vídeo, ressaltando as características da linguagem audiovisual, buscando facilitar a aprendizagem;
- g) avaliar a atividade desenvolvida, pois a cada atividade as possibilidades de aprendizagem podem se ampliar;
- h) e discutir a qualidade da mensagem e sua adequação ao público-alvo, refletindo sobre ela para que os expectadores possam entender o que é dito.

Sabemos que o vídeo é utilizado nas escolas, mas isto não significa que esteja sendo usado em todo seu potencial pedagógico. Precisamos formar o hábito de desenvolver juntamente com nossos educandos metodologias mais criativas, mais reflexivas, que possam desenvolver habilidades, competências e atitudes fundamentais para a formação de cidadãos críticos e questionadores, como almeja a sociedade atual.

Entretanto, para que os professores possam desenvolver atividades nessa perspectiva, faz-se necessário que estejam em constante formação continuada, pois

a cada dia tudo se renova, se modifica, exigindo atualização permanente. Daí porque discutir as possibilidades de uso pedagógico de um recurso como o vídeo é também uma forma de chamar a atenção para esta necessidade.

Embora o vídeo tenha se tornado um recurso de fácil acesso, seu uso em sala de aula somente aconteceu na década de 90. Moran (1994) foi um dos que se interessou e escreve sobre o assunto no Brasil. Em seu artigo “O Vídeo na Sala de Aula” apresenta as várias linguagens da TV e do Vídeo e seu impacto na comunicação eficaz.

No referido artigo, Moran enfatiza que, desde o início da inserção desta tecnologia no ambiente escolar até hoje, pouco se investiu para capacitar os professores para uma melhor utilização deste recurso. Isto talvez explique o motivo pelo qual, apesar de existirem esses equipamentos nas escolas, em grande parte não são utilizados ou quando o são, subutilizados, sem conhecimento real de como empregá-los de forma que leve a uma prática reflexiva.

Sabemos que existem muitas experiências positivas com uso do vídeo em sala de aula, porém é necessário lembrar que o uso inadequado do vídeo, segundo Moran (1998), pode trazer consequências desastrosas para a aprendizagem dos alunos.

Moran (2000) nos apresenta algumas das formas errôneas de utilização nas quais o vídeo prejudica seriamente a aprendizagem dos alunos quando é utilizado como a) vídeo-tapa-buraco, ou seja, quando é utilizado exclusivamente para preencher o tempo vago do aluno; b) vídeo-enrolação, quando esta mídia é utilizada sem vínculo algum com os assuntos estudados; c) vídeo-deslumbramento, quando o professor se deixa fascinar pelo uso do vídeo e esquece as outras tecnologias e dinâmicas de condução de suas aulas; d) vídeo-perfeição, quando se colocam defeitos em todos os vídeos; e) e só-vídeo, quando simplesmente se exhibe o vídeo por exhibir, sem discutir e sem integrar com outros assuntos da aula.

Tais vícios na utilização do vídeo apresentam implicações negativas para o processo de ensino-aprendizagem, pois o uso inadequado pode comprometer tanto a credibilidade do recurso quanto a credibilidade do trabalho do professor. Ferres (1996) e Moran (1998) desenvolveram alguns conceitos que servem como referência ou ponto de partida ao professor que pretende utilizar a tecnologia do vídeo.

Segundo eles existem várias maneiras de utilização deste meio e, salvo as pequenas diferenças entre autores, podem ser assim definidas:

a) Videolição: segundo Ferres, nessa modalidade o vídeo é utilizado como uma ferramenta de aula expositiva, na qual a tecnologia substitui o professor.

b) Videoapoio: o vídeo utiliza imagens para reforçar o discurso do professor ou dos alunos. Essa modalidade tem como característica a utilização das imagens sem som. Essa mesma forma de utilização é chamada por Moran de vídeo ilustração. Para ele a utilização desse recurso auxilia o professor e o aluno, ilustrando o que se fala.

c) Programa motivador: de acordo com Ferres, essa modalidade proporciona a motivação inicial sobre um tema ou assunto. Em geral, trabalha-se neste caso com vídeos acabados. Já Moran apresenta um conceito semelhante, no qual o vídeo é utilizado como recurso de sensibilização, motivando, introduzindo e despertando a curiosidade para novos temas ou assuntos.

d) Videoprocesso: também denominado *vídeo como produção* por Moran. Nessa modalidade de uso do vídeo, a proposta é que o aluno sinta-se responsável pelo processo de produção, fazendo com que o vídeo sirva de incentivo à criatividade (Ferres). Segundo Moran, essa modalidade abrangeria o vídeo como documentação, intervenção ou expressão. Inclui-se neste conceito a modalidade de vídeo como avaliação e, dentro desta, o vídeo espelho, utilizado para as pessoas se observarem e avaliarem seu desempenho.

e) Programa mono conceitual: a utilização do vídeo gira em torno de um tema específico, ou seja, uma forma intermediária entre o programa motivador e o Videoapoio (Ferres). O conceito de Moran que mais se aproxima desta modalidade é o *vídeo como conteúdo de ensino*.

f) Vídeo interativo: é o vídeo associado à outra mídia. Nasceu no encontro de duas tecnologias de ponta: o vídeo e a informática. Denomina-se vídeo interativo todo programa de vídeo no qual as sequências de imagens e a seleção das manipulações estão determinadas pelas respostas do usuário ao seu material. Nesta modalidade o receptor é tão ativo quanto o emissor.

Diante do exposto acima, levando em consideração que a sociedade está mudando de forma tão rápida e que a escola não pode esperar, conforme afirma Guareschi (2005), a escola precisa se destacar, conhecer e explorar as preferências

e interesses de seus alunos. Incluir a mídia vídeo no espaço educacional é uma forma de fazer isso. Não podemos mais adiar o encontro com as tecnologias, como defende Côrtes (2009), uma vez que os alunos já estão imersos nestes recursos, já falam outra língua, e visto que já desenvolveram competências para conviver com elas.

4.1 Vídeo Digital

A produção de vídeos digitais tornou-se uma atividade muito popular nos dias atuais. Páginas que permitem assistir e/ou disponibilizar produções de vídeos estão entre as mais acessadas na internet. Entre os usuários mais interessados nesse tipo de atividade estão às crianças e adolescentes, nativos digitais, e que por isso se identificam muito com este tipo de mídia.

As tecnologias que antecedem ao vídeo digital, como exemplo os vídeos VHS, não estão disponíveis através de acesso rápido, dificultando assim sua utilização. Mesmo assim, são materiais valiosos para a educação, principalmente quando utilizados de maneira a integrar a temática trabalhada que possibilite a construção de novos conhecimentos. Em contrapartida, a criação de repositórios de vídeos digitais facilitaria este processo.

Cinelli (2003) aponta diversas vantagens da utilização de vídeos educativos digitais, entre elas o fato do usuário poder manuseá-lo, manipulá-lo como se folheasse um livro: avanços, recuos, repetições, pausas, todas as interferências de apresentação que diferenciam a televisão do vídeo.

A televisão, que faz uso intensivo de vários tipos de animação, deu origem à era do vídeo na década de 70 com a invenção do famoso vídeo cassete. Nossa visão sobre cultura e sociedade tem sido constantemente alterada devido a esse relativamente simples e acessível meio. Os vídeos cassetes e filmadoras criaram novas definições e conceitos e adicionaram uma variedade de novos termos e expressões em nosso vocabulário. Agora, no entanto, a era do vídeo atravessa uma grande revolução com a introdução do vídeo digital, pois este desenvolvimento trará novas oportunidades, criatividade e uma maior riqueza tecnológica ao nosso alcance. O vídeo tradicional, como sabemos, vai sendo substituído assim que as vantagens do vídeo digital vão sendo reconhecidas universalmente.

A linguagem dos computadores é digital. Computadores podem facilmente armazenar e transmitir dados, de máquina para máquina, disco para disco, sem haver nenhum tipo de distorção. É assim que funciona o vídeo digital.

Crescemos e fomos criados acostumados à habilidade de conectar um aparelho de vídeo cassete à TV e gravar qualquer programa que fosse relevante a nossa vontade, agora tal tecnologia está sendo substituída pela digital. A razão principal de optar por vídeo digital é que, realizando qualquer operação envolvida com vídeo, seja reprodução, transmissão ou gravação, a qualidade poderá ser notavelmente superior ao sistema analógico de transmissão. Imagens mais nítidas, melhor resolução de cores e outros atributos são facilmente percebidos. Além disso, a manipulação e edição de imagens/vídeos utilizando a tecnologia digital é mais fácil e poderá apresentar melhor qualidade em relação à que a tecnologia analógica oferece atualmente. Com o surpreendente aumento de velocidade dos computadores nos dias atuais, está se tornando cada vez mais simples trabalhar com vídeos digitais, mesmo em um computador não especializado para esse tipo de trabalho. Do ponto de vista de edição e produção de vídeo, este tem algumas vantagens sobre o analógico.

O vídeo digital não tem perda de geração, o que quer dizer que é possível trabalhar em cima do mesmo vídeo quantas vezes forem necessárias sem haver perda de qualidade; é possível controlar os ajustes mais precisos e prever cada efeito e/ou transição quantas vezes forem necessárias até que o resultado esperado seja obtido. Uma vez terminado todo trabalho de manipulação/edição, ainda é possível fazer alterações específicas nos trechos que necessitem cuidados sem ter de refazer todo trabalho novamente; além do que, os vídeos digitais podem ser visualizados de forma remota.

Paralelamente às ideias de uso do vídeo que vêm sendo aqui apresentadas, acredita-se que o Currículo Integrado é uma das formas mais adequadas de organizar as atividades de ensino-aprendizagem. Conforme Santomé (1996), o Currículo Integrado apresenta-se como a forma de organizar os conteúdos culturais dos currículos de maneira significativa, de modo que desde o primeiro momento os alunos compreendam o quê e o porquê das atividades nas quais se envolvem.

Desta maneira defende-se a proposta de um currículo integrado, por acreditar que nesta proposta as aprendizagens são efetivamente constituídas de

forma agradável e contextualizadas. O uso do vídeo neste caso passa a ter um papel de fundamental importância, pois além de servir como mais uma fonte de pesquisa a ser utilizada pelos alunos, se mostra parte da sua realidade, tornando-se agradável e significativo.

Quando se estuda através de grandes temáticas, é fundamental a pesquisa. Entretanto, como os vídeos digitais, pelo menos por enquanto, não são muito conhecidos, a maneira como estão armazenados nos repositórios digitais de vídeos demanda muito tempo do pesquisador, neste caso dos alunos, para localizar a sua temática dentre os muitos vídeos existentes. No entanto, a proposta é de que, se utilizássemos uma tecnologia de indexação de vídeo digital, a procura se tornaria um instrumento valioso para as pesquisas, facilitando assim a motivação e o interesse por este tipo de produção de conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monografia que aqui se encerra, embora de cunho teórico, proporcionou importantes reflexões. Portanto, é muito mais do que está aqui escrito como resultado final, representa um processo de construção e reconstrução por parte da autora. Processo de construção impregnado de diálogo com autores lidos, colegas professores e orientadora.

Assim, chega-se ao fim com algumas certezas provisórias, mas com novas inquietações, com dúvidas temporárias. Compartilhamos aqui algumas dessas certezas e novas inquietações.

a) Existem alguns critérios que devem ser levados em consideração na hora de escolher um filme: adequação ao assunto e aos alunos, simplicidade, precisão, atratividade, validade e pertinência;

b) O uso do vídeo não melhora automaticamente a relação pedagógica nem a qualidade das aulas, mas pode ajudar bons professores a tornarem suas aulas mais atrativas. Trazendo situações cotidianas e contextualizadas, o vídeo acaba contribuindo para maior compreensão dos conteúdos;

c) Outra contribuição importante do vídeo é que auxilia na ilustração do que se aborda em aula, possibilitando aos alunos novos olhares e conhecimentos. Um bom vídeo pode introduzir um novo assunto e despertar a curiosidade, o que poderá motivá-los a desejarem aprofundar o assunto em pauta (e outros) através da pesquisa;

d) Apesar de existirem bons vídeos a disposição dos professores por meio de programas que o próprio Ministério de Educação disponibiliza, um docente competente não será substituído por nenhuma tecnologia educacional;

e) A proposta pedagógica, a metodologia, o papel dos atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem são aspectos primordiais definidos pelo docente. Assim, uma mesma mídia pode ser usada tanto para reproduzir modelos tradicionais de educação ou promover mudanças;

f) O uso do vídeo e sua produção em sala de aula, bem como muitas das outras tecnologias disponíveis nas escolas, podem desenvolver as competências necessárias aos alunos para tornarem-se cidadãos preparados para a vida e para atuarem nesta nova sociedade.

Finalizando, compartilho a minha tomada de consciência que somente ocorreu ao final da elaboração desta monografia. Por saber e sentir que as tecnologias mais recentes, como a internet, ainda intimidam uma parcela significativa de professores de escolas públicas, - que ainda não se apropriaram de tecnologias existentes há mais tempo, mas que ao mesmo tempo almejam realizar mudanças relevantes no contexto escolar em que atuo - optei por estudar uma mídia educativa menos “ameaçadora”. No entanto, ao ler e conhecer as novas possibilidades que o vídeo digital oferece, passei a me interessar por ele. Minha nova inquietação agora é elaborar, em um futuro próximo, uma proposta pedagógica que envolva a construção de vídeos digitais pelos alunos envolvendo o trabalho cooperativo, construção de conhecimento e situações de autoria. Pretendo também ser parceira de construção, aprendendo com meus alunos o que eles possam entender mais rapidamente por serem nativos digitais, mas ao mesmo com a clareza de que como educadora tenho também outro tipo de conhecimento que somente a experiência e uma postura aberta frente a novas aprendizagens e desafios podem proporcionar.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. In: **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

CINELLI, Nair Pereira Figueiredo; LAPOLLI, Edis Mafrá. **A influência do vídeo no processo de aprendizagem**. Florianópolis: UFSC, 2003.

CÔRTEZ, H. A importância da tecnologia na formação de professores. In: **Revista Mundo Jovem**, Porto Alegre, nº 394, mar. 2009, p.18.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DRUCKER, Peter F. **Sociedade Pós-Capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, Paulo. **Comunicação ou extensão**. Educação como prática da liberdade. Paz e Terra: Rio de Janeiro 1986.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, Educação e Cidadania: Tudo o que você quer saber sobre a mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LEITE, Lígia S.(Coord.); POCHO, Claudia Lopes; Aguiar, Márcia de M; SAMPAIO, Marisa N. **Tecnologia Educacional: descubra suas possibilidades em sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORAN, J.M. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, nº2, jan/abril, 1994. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>>. Acesso em: 21 set. 2012.

_____. O uso do vídeo em sala de aula. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, jan./abr. de 1995.

_____. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre, vol. 3, n.1, set. 2000. UFRGS. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran1998>>. Acesso em: 15 out. 2012.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T., BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORIN, Edgar, 1921. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a Televisão na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 5ª ed. 2003.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos. **Introdução à sociologia**. 25ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **As competências para ensinar**. Porto Alegre, Artmed, 2000.

PRADO, Joice Silva. **A Era Digital e a Geração de Novos Conhecimentos**. Disponível em: <<http://www.soprando.net/estudantes/a-era-digital-e-a-geracao-de-novos-conhecimentos>>. Acesso em 28 out. 2012.

PRENSKY, Mark. Digital Natives, Digital Immigrants. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20digital%20natives,%20digital%20immigrants%20-%20part1.Pdf>> . Acesso em: 27 set. 2012.

RÖRIG, Cristina; BACKES, Luciana. **O professor e a tecnologia digital na sua prática educativa**. Disponível em: <<http://pedagogiadacultura.webnode.com.br/textos/>> Acesso em: 28 nov. 2012.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. A instituição escolar e a compreensão da realidade: o currículo integrado. In: SILVA, Luiz Heron (org.). **Novos mapas culturais novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre, Sulina, 1996. P. 58-73.

SILVA, Janaína. **Novas Tecnologias na Educação: Um desafio à sociedade globalizada**. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_18782/artigo_sobre_novas_tecnologias_na_educacao:_um_desafio_a_sociedade_globalizada>. Acesso em: 28 set. 2012.

VASCONCELLOS, Maria José E. de. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Editora Papiurus, Campinas, 2003.

VEEM, Win; VRAKING, Ben. **Homo Zappiens: Educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.